

M 558 M 407
C M ~~26.9.51~~ 26.9.51
Radio 29.12.62
Deposito M 407

DN 13.4.64

"O FLU", ~~concedido~~ 77
abril

RN 62

Rubem Braga 4.5.69

CÔR DE ROMA

A água — este é um dos encantos de Roma. Não há monumento, naquela cidade cheia de monumentos, onde a água não espadane e cante: as bicas e chafarizes espalhados por toda parte não se fecham nunca, a água está sempre jorrando, caindo, num desperdício soberbo. São incontáveis fontes nas esquinas, nos palácios, nos pátios ensombrados ~~nos~~ edifícios. Mulheres nuas, peixes, monstros e deuses, vasos de frutas gordas, anjos e animais, nessa montoeira de escultura de três milênios — tudo esplende e brilha entre jorros de água.

Paris é feita de ruas, avenidas, perspectivas; Roma é feita de escultura e arquitetura entre a sombra de árvores imensas. Daí a sua beleza grave; nunca se tem vontade de fazer um quadro a óleo, como em Paris, nem uma aquarela, como em Lisboa: Roma só pode ser bem contada em gravuras, tem massas e volumes, não cores.

Ou tem apenas uma cor, esse rosa desbotado que se propaga aos nossos olhos, do alto do Pincio, em ondas de quarteirões, e que os mármore antigos parecem absorver.

Como esquecer uma tarde em um terraço da Piazza del Popolo, em que me sentei com uma amiga para tomar um vinho branco. Olhamo-nos: estávamos, os dois, de um rosa desmaiado, e toda a gente que passava era rosada, na tarde morena... Tínhamos a cor de Roma.

H dos

DN 4.5.69